

ERIC JOHN ERNST HOBSBAWM !\*

Diorge Konrad\*\*

*Em primeiro lugar, estou preocupado com os usos e abusos da História, tanto na sociedade como na política, e com a compreensão, e espero, transformação do mundo*  
(Eric Hobsbawm, em *Sobre História*)

Primeiro de outubro de 2012, cerca de oito horas da manhã, recebo a notícia da morte de Eric Hobsbawm.

A sensação é como se algo muito importante fosse arrancado do cérebro, uma espécie de vazio intelectual. Ainda impactado, menos de uma hora depois escrevi a seguinte mensagem repassada às minhas listas de correio eletrônico:

*Quem de nós? Quem de nós não leu afoitamente alguma outra obra deste grande historiador do século XX? A Era dos Extremos? A Era dos Impérios? A Era do Capital? A Era das Revoluções? Mundos do Trabalho? Os Trabalhadores? Sobre História? Como Mudar o Mundo – Marx e o Marxismo! Quem de nós não se encantou com a sua forma de narrar a História? Quem de nós não discordou ou concordou com alguma “sacada” teórica deste alexandrino, historiador do mundo? Para nós da História Social do Trabalho, aprendemos mais sobre os trabalhadores e o mundo do trabalho com Eric Hobsbawm! Para nós de Teoria da História, aprendemos muito com o “que a História tem a nos dizer sobre o mundo contemporâneo”, como ele escreveu no título de um dos seus artigos! Hobsbawm se foi, breve como o seu século XX.*

Queria que meus alunos de “Teoria da História”, que estudam comigo os trabalhos de Hobsbawm, desde 1995, compartilhassem mais uma vez algo que tenho a dizer sobre ele e essa dialética entre o “tempo longo” e o “tempo breve”.

Eu o vi pela primeira vez em Porto Alegre, no início da década de 1990, no lotado “Auditório Dante Barone” da Assembléia Legislativa – palestrando em um português fluente – num Seminário sobre a *Polis*. No final, como autênticos *tietes*, eu e a historiadora Glaucia Konrad fomos pedir um autógrafo em *A Era das Revoluções* e *A Era dos Impérios*. Ao nos aproximarmos, ao final da conferência, parecia que o século XX estava à nossa frente. Ao ver os livros, o coordenador da mesa, Tarso Genro, disse que Hobsbawm estava muito cansado. Dissemos, porém, que só aceitaríamos ouvir isto dele. O historiador marxista, no entanto, foi extremamente gentil. Os livros continuam bem guardados ... e com as honrosas dedicatórias.

Nesta passagem pela capital do Rio Grande do Sul, Hobsbawm teria ido ao Beira-Rio, acompanhado de um conselheiro do Internacional, Olívio Dutra. Falando da história de nosso time, o ex-prefeito e futuro governador teria reforçado a lenda sobre a origem do nome do Colorado, “fundado” por militantes anarquistas e homenageado em relação à organização mundial dos trabalhadores, formada por Karl Marx e outros em 1864. Hobsbawm teria dito: “*Então, aqui em Porto Alegre, torço para o Internacional*”.

Seria bom que esta *invenção* repetida por muitos torcedores colorados fosse verdade! Ao menos, em relação a Hobsbawm, seria uma referência da história do presente a um dos movimentos que ele tanto pesquisou, a relação dos trabalhadores com o futebol. Infelizmente, trata-se de uma “lenda urbana” para muitos dos rio-grandenses colorados como eu. Na introdução de um livro clássico, organizado com Terence Ranger, Hobsbawm afirmou que “*não há lugar nem tempo investigado pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições*”. Ao menos me consola que Hobsbawm tenha dito também que o “*estudo das invenções das tradições é INTERdisciplinar*”.[\[1\]](#)

Como historiador em formação na década de 1980 deveria ter começado como muitos, lendo Hobsbawm pela sua trilogia das *Eras*, que se tornaria tetra após a Queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética. Não! Como pretendo marxista, comecei pelos volumes de *História do Marxismo*, gentilmente cedidos por meus mestres da graduação em História, Anamaria e Luiz Carlos Rodrigues. Quando fui presenteado por eles com um dos volumes, iniciei a saga para ter todos os outros organizados por Hobsbawm e lançados no Brasil pela Paz e Terra. Era como um adolescente dos dias de hoje à procura de *Harry Potter* ou *O senhor dos anéis*, e como estes, um leitor voraz do que ia chegando às minhas mãos, no tempo em que comprávamos com sacrifício qualquer livro por mais de mil e poucos cruzeiros.

Em *História do Marxismo*, aprendi com Hobsbawm, que o marxismo foi a “escola teórica que teve a maior influência prática (e as mais profundas raízes práticas) na história do mundo moderno”, além de ser um “método para, ao mesmo tempo, interpretar e mudar o mundo”[\[2\]](#), na mais profunda concepção já dita antes por Marx na décima primeira tese contra Feuerbach.

Numa academia essencialmente conservadora e oriunda da Ditadura, para quem como eu começou a graduação em 1985, as obras de Hobsbawm, como de Perry Anderson, Edgar Carone, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr. e poucos outros, eram ilhas para nossos combates pela História com H maiúsculo, para nossa militância estudantil e

política. Enquanto os reacionários diziam que foram Marx e Engels que “inventaram” o comunismo e que este não passava de uma teoria equivocada e uma prática pior ainda, descobri com Hobsbawm que eles “chegaram relativamente tarde ao comunismo. Engels declarou-se comunista no fim de 1842, enquanto Marx provavelmente só o fez na segunda metade de 1843, após um acerto de contas mais complexo e prolongado com o liberalismo e a filosofia hegeliana”. Até hoje digo isso para meus alunos de Teoria da História: diferente do que muitos afirmam, Marx e Engels não inventaram o comunismo, mas as lutas revolucionárias do pós-1830 contra o capitalismo levaram os maiores intelectuais, do que viria a ser a *filosofia da práxis*, para dentro de seu movimento, com certa ajuda prática do alfaiate Wilhelm Weitling e teórica de Moses Hess, como bem disse Hobsbawm[3], mais ainda a “Liga dos Justos” transformada em Liga dos Comunistas, quando Marx e Engels “estavam nos cueiros” produzidos pelas tecelãs e operários fabris. *O Manifesto do Partido Comunista*, escrito a quatro mãos, a pedido da Liga, coroaria Marx e Engels no movimento que na teoria receberia o nome de marxismo e na política de comunismo.

Foi esta *práxis* que me levou a estudar o que Hobsbawm chamou *mundos do trabalho*. Queria saber no *rincão* que adotara, Santa Maria, a história dos trabalhadores. Com Glauca, em 1987, começamos a pesquisar a greve de 1917 e os trabalhadores ferroviários, nosso exemplo local de proletariado de lutas. Não paramos mais, sempre com a historiografia de Hobsbawm presente, especialmente intrigado pelas suas provocações, e as de Georges Rudé em *Capitão Swing*, no qual Hobsbawm aborda os “fracassos” dos levantes sociais, se contrapondo a visões que apenas entendem o processo histórico como “realização negativa”. Ali, o historiador inglês defende a idéia de “fracasso não previsto”. Isto é, se alguém já soubesse da derrota previamente, tenderia a não entrar em uma luta. Um sábio ensinamento aos movimentos sociais e políticos revolucionários da atualidade, dado pelos trabalhadores ingleses que fizeram as revoltas rurais do início do século XIX, resgatados pela pesquisa do historiador no que chamou de “sucesso inesperado e imprevisível”[4], uma espécie de “a luta continua, companheiro!”.

Com Hobsbawm, vi que seria impensável ver a história local ou regional como se não fosse parte do processo histórico universal. Mais tarde veria que isso também veio de Marx e Engels. Assim, estudar os trabalhadores significava estudar uma classe e “a relação entre a situação em que tais classes se encontram na sociedade e a ‘consciência’, os modos de vida e os movimentos que elas geraram”. Estudar e compreender as classes não teria sentido se não também não entendêssemos que “a história de qualquer classe

não pode ser escrita se a isolarmos de outras classes, dos Estados, instituições e ideias que fornecem sua estrutura, sua herança”.[\[5\]](#)

Antes disso, com os ensaios de *Os Trabalhadores* já havíamos visto com Hobsbawm que a história das “classes trabalhadoras” ia muito além de suas organizações e movimentos trabalhistas, quando o historiador estudou seus padrões de vida, a situação e as condições de trabalho nas fábricas, os costumes, os salários, a carga de trabalho e as tradições do “mundo do trabalho”. Mas, diferente de certos modismos culturalistas da história do trabalho, Hobsbawm nunca abandonou os movimentos e organizações dos trabalhadores, desde as revoltas camponesas, os “rebeldes primitivos” e os “bandidos”, passando pelos destruidores de máquinas, os sindicatos de trabalhadores e seus partidos políticos.[\[6\]](#)

Quase um século depois, bem o sabemos, Hobsbawm começaria a conhecer profundamente o processo histórico do que ele chamou de mundo moderno e contemporâneo, a sociedade burguesa, juntamente com as obras de Marx e Engels, elaboradas a partir do século XIX, e as lutas dos trabalhadores desde então, seja de resistência ao capital, seja pela revolução comunista.

Pois, quis a História, que Hobsbawm nascesse no ano da Revolução Soviética, um ano antes do centenário de Marx. Quis a História que Eric Hobsbawm se tornasse marxista e comunista, reconhecido em sua morte até pela mídia burguesa como um dos maiores intelectuais do século XX.

E não foram poucos os seus projetos. O que extrapolou o mundo da academia sintetizou, numa das mais profundas reflexões dialéticas do materialismo histórico, o entendimento do que chamamos tradicionalmente de mundo contemporâneo, de 1789 para cá. Nos títulos dos quatro volumes está implícito o verdadeiro intento de Hobsbawm, como bom marxista que era: entender o tempo das *revoluções* burguesas e o nascimento das lutas pelo socialismo; compreender a consolidação do *capitalismo* e, assim como Lênin, a sua fase superior, o *imperialismo*; estudar a essência da luta de classes no século XX, entre as crises do capitalismo e as primeiras experiências do socialismo, nos tempo dos *extremos*. Traduzido em mais de quarenta línguas, com em *História Social do Jazz*, sua escrita ganhou milhões de leitores, admiradores e seguidores, ávidos por qualquer obra sua lançada a público.

Hobsbawm sempre teve opinião e sobre quase tudo. E dentro do marxismo, mesmo quando debatia com seus interlocutores sobre o que disse Marx e o que ele e eles

achavam que Marx teria dito, nos ensinava que se Marx disse algo, mais importante seria os que os marxistas de hoje devem dizer sobre o mundo e buscar em Marx seus erros e acertos. De certa forma, no artigo “A estrutura d’O Capital”, estabelecendo diálogo crítico com Althusser, escrito em 1966, no auge da influência deste filósofo pela Europa, Hobsbawm reforçou este ensinamento.<sup>[7]</sup> Em outro artigo, entretanto, Hobsbawm disse o fundamental sobre Marx: “Marx continua a ser a base essencial de todo estudo adequado de história, porque – até agora – apenas ele tentou formular uma abordagem metodológica da história como um todo, e considerar e explicar todo o processo da evolução social humana”.<sup>[8]</sup>

Recentemente, ao se pronunciar sobre a “primavera árabe”, comparando-a com as revoluções de 1848, tomei a liberdade, sempre temerosa, de criticá-lo sobre o que chamei de seu “desencanto” com o proletariado e o que Hobsbawm chamou de “esquerda tradicional”. Ali, disse que “Hobsbawm, pelas contribuições que já deu ao desenvolvimento da historiografia e na defesa do próprio marxismo, talvez mereça cada vez mais dos marxistas de hoje o que Marx e Engels fizeram com Bruno Bauer e consortes, uma crítica da crítica crítica, ou seja, uma síntese arrojada de sua obra para ver suas contribuições e seus limites”.<sup>[9]</sup> E, não tenhamos dúvida, ela foi grandiosa, me fazendo sempre lembrar de sua *Estratégias para uma esquerda racional* e a terceira parte da obra que ele chamou de recomeço.<sup>[10]</sup>

Seu último livro lançado no Brasil, em 2011, *Como Mudar o Mundo. Marx e o Marxismo, 1840-2011*, foi logo devorado por mim, com novos ensinamentos para prosseguir com Marx e o marxismo. Entre eles, ao escrever sobre o longo século XX e o trabalho, analisando as experiências socialistas, a crise atual do capitalismo e os defensores deste modo de produção e sua ideologia, Hobsbawm asseverou:

*Paradoxalmente, ambos os lados têm interesse em voltar a um importante pensador cuja essência é a crítica do capitalismo e dos economistas que não perceberam aonde levaria a globalização capitalista, como ele [MARX] previra em 1848. (...) Mais uma vez, fica patente que, mesmo no intervalo entre grandes crises, o ‘mercado’ não tem nenhuma resposta para o principal problema com que se defronta o século XXI: o fato de que o crescimento econômico ilimitado e cada vez mais tecnológico, em busca de lucros insustentáveis, produz riqueza global, mas às custas de um fator de produção cada vez mais dispensável, o trabalho humano, e, talvez convenha acrescentar, dos recursos naturais do planeta. O liberalismo econômico e o liberalismo político, sozinhos ou combinados, não conseguem oferecer uma solução para os problemas do século XXI. Mais uma vez chegou a hora de levar Marx a sério.*<sup>[11]</sup>

Quis também a História que Hobsbawm partisse no ano de criação de nosso blog marxismo21. Como o grande historiador que nos deixou, continuaremos levando Marx a sério, muito a sério. Valeu Eric John Ernest Hobsbawm!

Notas ao texto:

\* Este artigo é também uma homenagem a alguns mestres e orientadores que me fizeram conhecer melhor o grande historiador; em especial Anamaria Lopes Rodrigues e Luiz Carlos Bonotto Rodrigues, da UFSM; igualmente, Michael McDonald Hall (*cheers*, Michael!), da UNICAMP. Todos eles que me auxiliaram na passagem do século XX ao XXI, assim como Hobsbawm, acompanhado da sua reflexão historiográfica e na defesa de sua visão de História.

\*\* Professor Adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFSM, Doutor em História Social do Trabalho pela UNICAMP.

[1] Cf. HOBBSAWM, Eric. Introdução. In. HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 12 e 23. Inter em caixa alta é uma “licença poética” do autor.

[2] Ver HOBBSAWM, Eric (org.). Prefácio. *História do marxismo*. O marxismo no tempo de Marx. Vol. 1. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 12.

[3] HOBBSAWM, Eric. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano. In. \_\_\_\_\_ (org.). Prefácio. *História do marxismo*. O marxismo no tempo de Marx. Vol. 1. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 33.

[4] Cf. HOBBSAWM, Eric. Conseqüências. In. HOBBSAWM, Eric J.; RUDÉ, George. *Capitão Swing: a expansão Capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra no início do século XIX*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 279.

[5] HOBBSAWM, Eric (org.). Prefácio. In. \_\_\_\_\_. *Mundos do trabalho*. Novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 11-12.

[6] Ver estas temáticas no Sumário e nos respectivos artigos de *Os trabalhadores: Estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Cf. também *Rebeldes primitivos*. Estudo sobre as formas arcaicas dos movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1970; *Bandidos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

[7] HOBSBAWM, Eric. A estrutura d' *O Capital*. In. HOBSBAWM, Eric J. *Revolucionários*. Ensaios contemporâneos. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p. 146-155.

[8] HOBSBAWM, Eric. Marx e a História. In. \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

[9] Cf. KONRAD, Diorge Alceno Konrad. Necessária Crítica da Crítica Crítica a Eric Hobsbawm. In. *Portal Vermelho*. Publicado em 31 de dez. de 2011. Disponível em: [http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=4477&id\\_coluna=14](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=4477&id_coluna=14). Acesso em: 2 out. 2012.

[10] HOBSBAWM, Eric. *Estratégias para uma esquerda racional*, Escritos políticos, 1977-1988. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

[11] Ver: HOBSBAWM, Eric. Marx e o trabalhismo: o longo século. In. \_\_\_\_\_. *Como Mudar o Mundo*. Marx e o Marxismo, 1840-2011. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 375.